

Nordeste reforça resposta a emergências em saúde pública

O EpiSUS resultado da articulação entre a Secretaria da Saúde da Bahia e a Fiocruz

Teve início na terça-feira (17) a nova turma do curso de Especialização em Epidemiologia Aplicada aos Serviços do Sistema Único de Saúde (EpiSUS Intermediário – Turma Nordeste 2026).

A iniciativa tem como objetivo fortalecer a capacidade de resposta do SUS diante de surtos, epidemias e outras emergências em saúde pública, por meio da qualificação de profissionais que atuam diretamente nos territórios.

Voltado à formação de epidemiologistas de campo, o EpiSUS se consolidou ao longo de mais de 25 anos como uma das principais estratégias de fortalecimento da vigilância em saúde no Brasil. Inspirado em programas internacionais, o modelo prioriza a atuação prática e a resolução de problemas reais enfrentados pelos serviços de saúde, contribuindo para decisões mais rápidas e baseadas em evidências.

O EpiSUS Intermediário Nordeste é resultado da articulação entre a Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (Sesab), a Fiocruz Bahia e a Fiocruz Brasília, com apoio e chancela do Ministério da Saúde. A especialização busca descentralizar a qualificação profissional e ampliar a capacidade de resposta em contex-



Agência BA

A turma do EpiSUS Intermediário Nordeste é composta por 53 profissionais

tos epidemiológicos complexos, especialmente em regiões com maior vulnerabilidade sanitária.

Durante a cerimônia de abertura, a coordenadora-geral do EpiSUS no Ministério da Saúde, Maria Isabella Haslett, destacou o modelo de ensino adotado, inspirado no Field Epidemiology Training Program (FETP), que valoriza a aprendizagem em serviço. “O EpiSUS segue um modelo baseado na prática, no qual o profissional aprende atuando diretamente nos servi-

ços de saúde. A proposta é desenvolver competências para investigar, analisar e responder de forma oportuna aos eventos de saúde pública, sempre com base em evidências”, afirmou.

A turma do EpiSUS Intermediário Nordeste é composta por 53 profissionais de saúde, sendo 34 com atuação na Bahia. Também participam representantes de Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte e Maranhão, além de profissionais vinculados ao Ministério da Saúde de São Tomé e

Príncipe. A presença internacional reforça a cooperação técnica entre países de língua portuguesa, especialmente no enfrentamento de emergências sanitárias e na troca de experiências em vigilância epidemiológica.

Representando São Tomé e Príncipe, a diretora de Cuidados de Saúde, Isaulina Barreto, ressaltou a relevância da formação. “Investir na epidemiologia de campo é essencial para qualificar a resposta às emergências. A participação de nossos profissionais

fortalece não apenas o conhecimento individual, mas todo o sistema de saúde do país”, destacou.

O diretor da Fiocruz Bahia, Valdeyer Galvão, enfatizou o diferencial da especialização ao integrar teoria e prática com base em situações reais. “A proposta utiliza metodologias ativas e análise de dados para desenvolver soluções aplicáveis aos territórios, fortalecendo a vigilância local e a capacidade de resposta dos serviços”, explicou.

A formação tem como foco o desenvolvimento do raciocínio epidemiológico aplicado, além de oferecer ferramentas práticas para atuação em campo. Os participantes são estimulados a investigar surtos, analisar dados e propor intervenções, contribuindo diretamente para o aprimoramento das ações de vigilância, prevenção e controle de doenças.

Com a nova turma no Nordeste, a expectativa é ampliar a rede de epidemiologistas de campo no país e fortalecer a integração entre ciência e serviço. A iniciativa também se alinha às diretrizes globais de preparação para emergências em saúde, cada vez mais necessárias diante do aumento de eventos como pandemias, mudanças climáticas e reemergência de doenças infecciosas.

Nordeste lidera mortes femininas por tiros

A região Nordeste concentrou mais da metade dos assassinatos de mulheres, por arma de fogo, no Brasil, em 2024.

Os dados são do relatório pela vida das mulheres - o papel da arma de fogo na violência de gênero, do Instituto Sou da Paz, divulgados neste mês da mulher.

Na avaliação social do problema, a professora do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense, Jacqueline Muniz, acredita que a política que flexibilizou a compra de armas no Brasil, entre 2019 e 2022, foi um “desserviço” que explica parte do problema.

“A presença disseminada de armas de fogo e sua capilaridade, sua expansão, no seu barateamento, permitiu que o matador de mulher, que é sempre um cidadão de bem, um suposto bom pai e péssimo marido, ou péssimo ex-marido, ou péssimo ex-namorado, ou péssimo ex-companheiro, possa fazer uso desse recurso e se justificar.



Agência Brasil

A disseminação das armas de fogo, elas prestaram esse desserviço. E mesmo hoje com a mudança do decreto, com a mudança da legislação, tem muita arma que já tá na rua, tem muita arma que tá acessível.

Natália Pollachi, Diretora de projetos do Instituto Sou da Paz, atribui o problema, também a

outros fatores, como acesso a serviços públicos e à questão social.

“Um deles é a disponibilidade de serviços públicos disponíveis, e aí os bairros com menos serviço público e possivelmente mais vulneráveis têm índices maiores de violência letal contra a mulher. Então pode ser uma questão relacionada a menor

disponibilidade de serviços públicos em parte da região nordeste. E tem um segundo elemento bastante relevante, que é um elemento cultural: o quanto disseminada tá a percepção de que as mulheres são pessoas com igualdade de direitos, ou quanto disseminada tá a percepção, enfim, uma concepção ainda mais

machista, ainda mais controladora e violenta da relação dessa sociedade com as mulheres.”

Na avaliação de Jacqueline Muniz, as políticas sociais de autonomia às mulheres, por vezes, geram um “ressentimento” masculino sobre a perda de espaço “de autoridade”.

Alta no nordeste

É a região do país que, proporcionalmente, é muito atendida por políticas sociais e outras formas de empoderamento doméstico e familiar, o que reforça o papel autônomo de independência das mulheres, o que gera um grau de reação à perda do domínio, à perda da autoridade dentro de casa.

É como se tivesse uma sobra de masculinidade que não pode ser gasta porque já perdeu esse monopólio, e que se expressa sobre a forma da violência. A violência é o ritual de você tentar resgatar um poder perdido que já não se coloca mais.”

Dados foram divulgados pelo Instituto Sou da Paz